

## QUILOMBO E QUILOMBOLA: INTERAÇÕES ENTRE OS ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS, LEXICOLÓGICOS E LEXICOGRÁFICOS

*Ruberval Rodrigues de Sousa* (UFT)  
[rubervalrs@gmail.com](mailto:rubervalrs@gmail.com)

*Karylleila dos Santos Andrade* (UFT)  
[karylleila@gmail.com](mailto:karylleila@gmail.com)

### RESUMO

Sendo o léxico e as questões culturais e sociais de um povo interdependentes, os quais são dinâmicos e por isso acompanham o processo de transformação social ao longo dos tempos. Este trabalho tem por objetivo investigar, em uma linha histórica de obras lexicográficas da Língua Portuguesa (BLUTEAU, 1728; MORAES E SILVA, 1789; SILVA PINTO, 1832; AURÉLIO, 1975, 1986, 2004 e 2012; HOUAISS, 2001) a entrada dos lexemas quilombo e quilombolano nos principais dicionários da Língua Portuguesa como registro da situação negra na sociedade brasileira. A entrada dos lexemas em questão na lexicografia brasileira evidencia a existência de uma estreita ligação entre os eventos sociais e culturais com a documentação do léxico de uma língua, e que são objetos da lexicologia, ciência que se utiliza da linguagem como seu principal objeto de estudo.

### Palavras-chave:

Quilombo. Quilombola. Lexicologia e lexicografia.

### 1. *Interações entre vivências e léxico*

As vivências cotidianas de um povo são como uma fábrica que trabalha diuturnamente na criação de um produto que será consumido por todos os integrantes de sua comunidade na denominação de tudo que a cerca. Esse produto são as palavras, empregadas por cada grupo social no seu processo de interação e de denominação dentro de sua cultura.

Este estudo reflete parte dos resultados da pesquisa realizada durante o programa de doutoramento em Letras do primeiro autor sobre a orientação da segunda autora. Para se chegar aos objetivos da tese, fez-se necessário discutir as contribuições das questões culturais e sociais para a formação do léxico brasileiro, tendo sido estudada naquele capítulo em uma linha histórica de obras lexicográficas da Língua Portuguesa (BLUTEAU, 1728; MORAES E SILVA, 1798; SILVA PINTO, 1832; AURÉLIO, 1975, 1986, 2004 e 2012; HOUAISS, 2001).

Sendo a sociedade uma associação em contínua evolução e transformação, a efervescência provocada por essas transformações não pode

ria deixar de registrar as contribuições de africanos e afro-brasileiros na inserção de vocábulos com diferentes significados e significantes que refletem a cultura e o momento social vividos na formação do léxico do nosso país, os quais também acompanharam a evolução da sociedade e tornaram-se objetos das nossas obras lexicográficas.

O léxico, registro dos vocábulos de uma língua, reflete as interações entre língua, cultura e sociedade, criando-se, dessa maneira, espaço para as ciências que estudam o léxico de uma forma geral: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia.

No léxico, estão registrados os elementos culturais e sociais de um grupo, sendo tais elementos dinâmicos, que acompanham o processo de transformação social brasileiro ao longo dos tempos. Essas transformações sociais são temas de pesquisas que ressaltam, dentre outros aspectos, os reflexos da movimentação no léxico do País, reforçando a interação entre língua, cultura e sociedade. Como defende Isquierdo (1996, p. 91) para se estudar uma língua, é condição *sine qua non* estudar também sua cultura, pois é nas entranhas da cultura, onde residem fatos e informações importantes para a ciência entender e explicar elementos que influenciam no processo de formação da língua portuguesa e seus múltiplos empregos nas diferentes regiões do Brasil.

Neste estudo, optou-se por investigar os lexemasquilomboc quilombola, seus registros, variações, acepções e usos na língua portuguesa, tendo como suporte para embasar o estudo os principais dicionários de língua portuguesa, a começar pela primeira obra lexicográfica da língua, o Dicionario de Lingua Portugueza de Raphael Bluteau (1728), de Antônio de Moraes e Silva (1789), seguida das demais obras tão importantes quanto, a de Luiz Maria da Silva Pinto (1832) até os contemporâneos Aurélio (1975, 1986, 2004, 2012) e Houaiss (2001).

## **2. O Dicionário e suas interações no Brasil**

O estudo de língua necessita de aportes que facilitem o aprendizado, sendo o dicionário uma dessas ferramentas. Conforme Biderman (1998b, p. 129): “os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua.”, embora a sua utilização ainda seja insipiente no processo educacional brasileiro. Considerando que cultura e sociedade são dinâmicas, e que os dicionários buscam nessas as normas linguísticas e lexicais em

uso pelo e para o público ao qual é destinado, ressalta-se a importância histórica dos dicionários como uma fonte documental dos usos da língua em uma sociedade (BIDERMAN, 2001).

Desta forma, os dicionários carregam a dinâmica cultural e social de um povo, no caso brasileiro, indubitavelmente, desde o período colonial, a cultura brasileira sofreu fortes influências europeias e, apesar disso, no que se refere à Lexicografia, a história dos dicionários em nosso país data do século XVIII e tem o seu marco inicial com a publicação do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, do primeiro dicionarista brasileiro, António de Moraes Silva, em 1789, o qual contava com aproximadamente 180.000 palavras, fruto de retomadas, revisões e ampliações da obra “*Vocabulário Portuguez e Latino*”, do padre Raphael Bluteau (1712-1728), conforme Verdelho (2003, p. 4).

É fato que a língua evolui e sofre alterações ao longo do seu processo de formação. Com o tempo, vão surgindo novos vocábulos, significados e sentidos. Outros se perdem e, o prefácio à 5ª edição do *Dicionário Aurélio* (2010, p. XI), em alusão à importância dos dicionários e suas interações com a cultura e com o momento vivido, interações essas que influenciam na formação do léxico, define: “Uma das principais funções do dicionário, se não a principal, é acompanhar a evolução da língua numa dada época, e registrar-lhe a renovação por meio das palavras e locuções (lexias) ou das formas adotadas pelo uso.” Isso reforça o papel da produção lexicográfica no processo de documentação, transformação e evolução da sociedade.

Embora o conceito de palavra seja considerado pré-científico, e tendo em vista que o conceito varia de acordo com o nível de consciência dos utentes, é através da palavra que são estabelecidos os discursos e as interações humanas a partir da linguagem oral, que pode não carregar as exigências e as formalidades da língua culta. Assim, embora não conheça as regras que regem a língua, todo falante é dotado de capacidade no uso de uma unidade léxica, conforme relata Sapir (1949, p. 33): “A experiência linguística, tanto expressa na forma padronizada e na forma escrita como aquela testada no uso diário, indica que não há, incontestavelmente, em geral, a menor dificuldade em trazer a palavra à consciência como realidade psicológica.”

Dentre as muitas acepções para o lexema dicionáriusadas por teóricos em pesquisas correlatas, apresentamos a significação usada por Biderman (2006, p. 17-18), a qual afirma que o dicionário “faz uma des-

crição do vocabulário de uma língua buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura.” Biderman (2006) ressalta o elo existente entre as vivências de um povo e que refletem na formação do seu léxico, cabendo ao dicionário fazer o registro desse léxico. A autora destaca o dicionário como sendo uma “das mais relevantes instituições da civilização moderna, um produto cultural” (BIDERMAN, 2006, p. 17).

O Dicionário Aurélio (2010, p. 712) assim define o vocábulo dicionário [do lat. Med. *Dictionariu.*] é um “Conjunto de vocábulos de uma língua ou de termos próprios de uma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua.” O Dicionário Houaiss (2007) traz a seguinte definição para dicionário:

Compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencionada, ger. alfabética, e que fornece, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc. ou, pelo menos, alguns destes elementos. (DICCIONÁRIO HOUAISS, 2007, p. 1034)

Os consulentes, ao acessar o dicionário de sua língua, ou até mesmo os dicionários de usos específicos, terão a possibilidade de perceber elementos que fazem parte de sua cultura retratados no léxico, e de poder escolher, dentre muitas acepções, a que melhor se encaixe no contexto do seu discurso, justificando, desta forma, a utilização do dicionário como um instrumento de aprendizado linguístico para além da simples conceituação de lexemas.

Segundo Nunes (2006, p. 43), o dicionário é um instrumento voltado para “compreender o saber linguístico produzido não apenas pela Linguística Moderna, mas por qualquer saber produzido sobre a linguagem humana.” A língua, assim como os dicionários e suas variadas acepções, sintetiza uma compilação histórica de elementos linguísticos que retratam o viés cultural e social dos usuários, reforçando a ideia de que ambos, língua e dicionários, são frutos de interações discursivas entre os seus utentes, como se vê em Pêcheux (1990), Auroux (1992), Mazière (1989), Orlandi (2001), dentre outros.

Embora existam inúmeras acepções, percebe-se que, na maioria delas, os dicionários são instrumentos vivos do registro da língua e cultura da sociedade. São instrumentos no estudo das linguagens e principalmente um espaço para o registro sob o viés linguístico da história brasi-

leira. Desta forma, os dicionários são espaços de registro e atuação do léxico, da lexicologia e da lexicografia.

### 3. *Léxico, Lexicologia e Lexicografia*

Não há como investigar o léxico de uma língua sem levar em consideração a existência de um elo entre o homem e o universo, o qual produz interações com a realidade vivida, as quais são retratadas a partir da atribuição de nomes aos seres e objetos que fazem parte de suas vivências, conforme defende Biderman (2001, p. 13): “Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.” Dessa forma, podemos ver a participação da dinâmica da sociedade na construção do léxico.

Ao discorrer sobre a tríade língua-sujeito-história, Nunes (2006, p. 15), sob a égide da Análise do Discurso (AD), argumenta: “Que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e historicamente [...] os sentidos dos dicionários são considerados na relação indissociável com os sujeitos tomados em seu modo social e histórico de existência.” Tal argumentação reforça o papel dos dicionários, cujas definições refletem a interação da língua com a cultura e a sociedade.

Ao descrever a importância do léxico para a apreensão de mundo, o que se justifica pela nomeação da realidade pelo homem, em *A estrutura mental do léxico*, Biderman (1981) define que:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. (BIDERMAN, 1981, p. 138)

Com base na definição de Biderman acima e reforçada pela autora em sua produção *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*, de 2001, pode-se inferir que o tempo e o momento social são fatores predominantes na organização do léxico, vez que os usos e as acepções dos lexemas produzem conceitos e retratam experiências vividas, tornam-se cultura singular ou comum de um povo, sendo esse o caminho que as permitirá entrar no dicionário e fazer parte da língua formal.

Ao discorrer sobre o assunto, Martinet (1976, p. 191) defende que o léxico é composto por “unidades de primeira articulação ou monemas.

Poder-se-ia denominar lexicais todos os monemas que figuram nos dicionários correntes a título de artigo particular, [...] aquilo que vulgarmente chamamos palavras.” É necessário que os consulentes entendam que a definição contida nos dicionários é proveniente de um longo processo de pesquisa acerca dos usos de determinados lexemas, suas diferentes acepções, inclusive sociais, culturais, regionais até que venham a figurar no dicionário da língua, conforme menciona Xataract *et al.* (2011, p. 110).

O léxico é objeto de estudo da Lexicologia e da Lexicografia, duas disciplinas tradicionais, que abordam o assunto sob perspectivas distintas, mas tentam descrever o léxico. A Lexicografia, segundo Biderman (2001) é a ciência dos dicionários, a qual teve como antecessores os glossários latinos medievais. Entretanto, esses não eram considerados dicionários, mas apenas listas de palavras voltadas a auxiliar o leitor da época com textos clássicos antigos e religiosos. O dicionário originou-se, no Ocidente, nos séculos XVI e XVII, com a publicação dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues, com destaque para os dicionários da língua portuguesa e latina de Bluteau (1712-1728) e de Moraes (1789).

Entender e explicar o léxico são tarefas da Lexicologia, conforme Biderman (2001, p. 16) que “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.” Apesar de ser uma tarefa necessária, pela imensidão de desdobramentos e dificuldades possíveis no intento de identificar e definir a unidade lexical, dirimir dúvidas quanto às classes de palavras envolvendo léxico e gramática, bem como a estruturação do léxico, acaba por não atrair a atenção de pesquisadores e talvez, por isso, a lexicologia seja abordada de maneira ainda superficial (BIDERMAN, 1978).

Contudo, independentemente da profundidade dos estudos realizados, é inegável que a Lexicologia e a Lexicografia mereçam destaque. Mesmo que inconscientemente, os usuários da língua as empregam no seu dia a dia. Barbosa (1990, p. 152) afirma que a “Lexicografia e Lexicologia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos em face do léxico: a Lexicografia, como técnica dos dicionários; a Lexicologia como estudo científico do léxico.” já, de acordo com Isquerdo (1996),

[...] partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também uma cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. (ISQUERDO, 1996, p. 91)

Apoiando-se na exposição acima sobre o que o estudo do léxico representa historicamente, essas abordagens acerca do léxico, da Lexicologia e da Lexicografia serviram como pano de fundo para a realização de uma análise diacrônica dos lexemas **quilombo** e **quilombola** desde suas entradas no dicionário.

#### 4. *Quilombo e Quilombola como Lexemas*

Muito se falou aqui acerca da indissociável interação existente entre língua, cultura e a sociedade. Ressaltou-se que a visão de mundo das pessoas sobre a realidade depende do sistema linguístico no qual esteja inserida (SAPIR, 1949; BIDERMAN, 2001). Deste modo, fica evidenciado que o léxico retrata e reproduz a cultura do seu povo em um tempo determinado.

Lembrando que as conceituações trazidas pelos dicionários tendem a refletir o que se passa na cultura e na sociedade dos usuários do léxico em dado momento, o que se espera com essa Análise Diacrônica<sup>1</sup> é compreender o campo lexical de quilombo nos dicionários de língua portuguesa ao longo dos séculos, a partir das obras lexicográficas do Padre Raphael Bluteau (1712-1728), passando por António de Moraes Silva (1789), Luiz Maria da Silva Pinto (1832) até os contemporâneos Aurélio (1975, 1986, 2004, 2012) e Houaiss (2001).

Há muitas definições acerca de campo lexical, e decidiu-se por elencar algumas que contribuem para o recorte feito nesta pesquisa. Para Genouvrier e Peytard (1973, p. 326) campos lexicais “são conjuntos de palavras (ou sintagmas, ou lexias) que se agrupam para significar uma determinada experiência: criação de uma técnica, designação de uma atividade prática ou racional.” Comungando da mesma opinião de Coseriu (1977, p. 146), Vilela (1994, p. 33) defende que o campo lexical é o “paradigma constituído pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical) por diferentes unidades da língua – os lexemas –, unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo – os semas”.

Durante a realização da pesquisa, as acepções dicionarizadas para os lexemas em questão, desde o período colonial brasileiro, reforçam a interação da realidade vivida na estruturação do léxico e se materializa

---

<sup>120</sup> Análise Diacrônica da língua portuguesa estuda as mudanças da língua no tempo (comparando, por exemplo, o português do século XIII com o do século XVI e com o do século XX). Isso é fazer um estudo diacrônico (FARACO, 1998, p. 129).

no discurso dos usuários, conforme defendido por teóricos como Sapir (1949), Isquerdo (1996) e Biderman (2001). Assim, a realidade vivida no Brasil sempre foi permeada pela participação negra, mas muitos elementos de sua cultura não aparecem na cultura e na língua portuguesa do Brasil.

O Brasil foi o país que recebeu a maior parte, cerca de 40% do total de africanos escravizados trazidos para as Américas, (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 15), e essa inserção mesclou a cultura brasileira com os elementos trazidos pelos africanos, o que faz com que o Brasil e a África estejam culturalmente muito ligados.

Desta forma, o léxico brasileiro teve influências da cultura do povo africano no passado e continua sendo influenciado pelos traços culturais dos afrodescendentes no presente. Assim, antes de se analisar a representação dos lexemas quilombo e quilombola na cultura brasileira, torna-se necessário visitar a história dos vocábulos na versão africana, uma vez que os elementos culturais permaneceram vivos nos escravizados que continuaram associados e reproduzindo sua cultura de origem mesmo em terras estrangeiras.

A língua é um dos principais veículos da cultura de um indivíduo, e seus discursos carregam as marcas de suas vivências. Kabengele Munanga (1995), natural do Congo e falante nativo de idioma, de origem banto, fala sobre a origem da lexia quilombona obra *Origem e histórico do quilombo na África*. O autor ratifica o que dizem alguns teóricos que atuam na lexicologia acerca da interação entre língua e cultura. Ele explica que, na África, a lexia quilombo tem a noção de associação de homens, onde os membros, sem qualquer distinção de filiação ou linhagem, eram submetidos a rituais dramáticos de iniciação, os quais eram confinados em locais de acessos restritos, para prepará-los e inseri-los na vida adulta, e sendo desvinculados de suas linhagens originais, eram transformados em fortes guerreiros (MUNANGA, 1995).

Munanga (1995) ensina que a lexia kilombo(quilombo na forma aportuguesada) tem origem nos povos de língua da família banto<sup>2</sup> (*ban-*

---

<sup>121</sup> Segundo Greenberg (1963), há cerca de 1900 línguas na África que podem ser distribuídas em quatro troncos linguísticos: congo-cordofaniano, nilo-saariano, afro-asiático e coissã. O tronco congo-cordofaniano se divide em duas grandes famílias: niger-congo e cordofaniano. É na primeira que engloba mais de mil línguas, que vamos situar os ramos banto e kwa, representando as línguas africanas que chegaram ao Brasil. Não se pode hoje, diante desse quadro da história do Brasil, afirmar com precisão o número de línguas que aportaram aqui. Entretanto, é importante ressaltar que, na África, a região

*tus*), termo esse que, em muitas línguas, significa “homens”, originária do tronco protobanto falado três a quatro mil anos, e refere-se aos rituais de iniciação de jovens na vida adulta. Eles eram transformados em corajosos guerreiros e aptos para o casamento. Contudo, antes desse ritual, os jovens eram considerados assexuados e viviam sob a égide de suas linhagens (MUNANGA, 1995; BLEEK, 1862).

A viagem desses lexemas da África para o Brasil é fruto dessa miscigenação forçada a partir da diáspora africana. a mistura de culturas dos povos africanos de diversas regiões e culturas, como o povo lunda, imbangala, mbundu, kongo, ovimbundu, etc., retirados de maneira forçada da África, os quais foram trazidos para as américas, e a maior parte desse povo foi trazida para o Brasil e passou a influenciar a formação do léxico brasileiro (CASTRO, 1997; QUEIROZ, 2002).

Seria impossível que a mistura de culturas e os modos de vida tão diferentes não influenciassem a formação do léxico brasileiro, uma vez que a língua é fruto de vivências e, mesmo que os africanos tenham sido extirpados dos seus lugares de origem, trouxeram consigo as suas raízes, língua e conhecimentos, que passaram a interagir com as características locais, dando início a vários dialetos pelo Brasil, sendo um processo de ressignificações do léxico e da cultura brasileiros (CASTRO, 1976).

Feita a ambientação dos lexemas quilombo e quilombola na cultura africana, retoma-se à análise dessas entradas na língua portuguesa. Como ponto de partida para essa análise, toma-se como referência a definição contida no Dicionário de Língua Portuguesa, de Bluteau (1712-1728). No prólogo da primeira edição do Dicionario da Língua Portuguesa e Latina, o padre Raphael Bluteau (1712-1728) defende as vertentes europeia e latina da língua. Entretanto, justifica não se aprofundar muito nas particularidades da versão latina do léxico, deixando-as a cargo de pesquisadores latinos, como se a versão latina da língua portuguesa – o português falado no Brasil, ameaçasse a pureza da língua do colonizador, privilegiando a vertente vernácula da língua. Talvez, em razão dis-

---

banto compreende atualmente um grupo de 300 línguas, faladas em 21 países (CASTRO, 2001). No Brasil, em meio às línguas dos “bantos”, as que apresentavam maior número de falantes eram o quicongo, o quimbundo e o umbundo. O quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo é a língua da região central da Angola. O Umbundo é falado no sul da Angola e, em Zâmbia (CASTRO, 2001). Quanto às línguas “sudanesas”, da região oeste africana, as mais importantes no Brasil, do ramo kwa, foram o ioruba, também chamada de Nagô, falada no sudoeste da Nigéria e no Benim, e as línguas do grupo ewe-fon, principalmente mina ou jeje (FERRAZ, 2007, p. 51) (sic).

to, não se encontra os lexemas quilombo ou outra lexiado seu campo lexical nesta edição do dicionário.

Entretanto, o brasileiro Antônio de Moraes Silva (1789), responsável por dar continuidade à obra lexicográfica de Bluteau, reformá-la e ampliá-la, imprimindo-lhe características e percepções da cultura brasileira, na sua ampliação da obra, fez com que elementos da cultura brasileira figurassem oficialmente no seu léxico. Mesmo assim, essa edição com publicações complementares do dicionário, traziam ainda, na identificação da obra, a autoria principal como sendo de Bluteau e com colaborações de Antônio de Moraes Silva.

Na edição do Dicionario de Lingua Portuguesa, de Bluteau (1789), já com a contribuição brasileira, o lexema quilombo ainda não ocorre como elemento principal, mas aparece três vezes no campo semântico e lexical dos lexemas calhambola, mocama'osemocambos.

Calhambola: s. c. o escravo, ou escrava que fugio, e anda amontado, vivendo em quilombos: he termo usado no Brasil. Ord. Colecc. Ao L. 4. T. 47. N. 1.<sup>o</sup> (Sic).

mocama'os: s. m. pl. negros fugidos no Brasil, que vivem pelos matos em quilombos, aliás, calhambolas.

MOCAMBOS: s. m pl. quilombos ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil. Manuscrito da razão do Estado do Brasil por D. Diogo de Menezes em 1612 (BLUTEAU, 1789, p. 88 – tomo segundo).

Vale destacar que, nas três vezes em que a lexia *quilombo* aparece no dicionário, ela não aparece como entrada, mas como significado. Nessa edição, ele faz referência à pessoa escravizada que fugira e/ou refere-se ao local de habitação/esconderijo para esses fugitivos, reforçando a ideia de que o lexema tem acepções negativas ao padrão dominante e somente se aplica na língua portuguesa do Brasil. Sobre as lexias em questão, Castro (2001) registra seus significados:

MOCAMBO (banto) (°BR) –s.m. (arcaico) esconderijo de escravos na floresta, equivalente a quilombo; choça, palhoça, casebre; cerrado de mato ou moita onde se esconde o gado Var. mucambo. Kik. mukambo, refúgio, esconderijo; topônimo muito comum no Brasil.

QUILOMBE(I)RO (FB) (°BR) –s.m. habitante de quilombo + Port. –eiro.

QUILOMBO (banto) 1.(°BR) –s.m. povoação de escravos fugidos; o mais famoso foi Palmares, construído em Alagoas, no séc. XVII., sob a chefia de Ganga Zumba e Zumbi. Kik./Kimb. kilombo, aldeamento. 2. (°BR) –s.m. auto popular figurando escravos fugidos que lutam pela posse da rainha, mas terminam derrotados e vencidos como escravos.

QUILOMBOLA (banto) (°BR) –s.m. escravo refugiado. Kik./Kimb. Kilomboli (CASTRO, 2001, p. 285 e 324).

Como outros autores, Castro (2001) também traz acepções voltadas a esconderijo, moradia, topônimo e conceitua ato popular, que representa uma luta onde escravos fugidos terminam vencidos e novamente escravizados. Além disso, ele amplia a definição de quilombo como povoação de escravos fugitivos e dá ao verbete a ideia de refugiado.

A segunda edição ampliada do Dicionário da Língua Portuguesa, em 1813, já não traz mais Bluteau como autor; nesta, apenas Moraes aparece como autor da obra. A lexia quilombo que, na edição anterior, contara com três ocorrências, além de figurar na definição do lexema mocambo, houve a entrada de quilombo no dicionário como verbete, colocando o lexema oficialmente à disposição dos falantes da língua, relacionando-o, desta forma, com o período social e histórico do país naquele momento.

Cabe destacar aqui que as versões anteriores do mencionado dicionário, mesmo após a morte de Bluteau, continuavam limitadas às ideias do seu idealizador, ou seja, priorizava a vertente europeia da língua portuguesa. A edição de 1813 do dicionário, de Antônio de Moraes Silva, deixou de lado não apenas o nome de Bluteau como autor da obra, mas também implantou a versão latina da língua, mais especificamente, a língua portuguesa brasileira como celeiro para novas entradas no dicionário, inserindo a cultura afro-brasileira no registro oficial do léxico.

A partir de então, o consulente, ao pesquisar no dicionário de Língua Portuguesa, encontrará para o lexema quilombo a seguinte definição: “Quilombo: s.m (usado no Brasil) a casa feita no mato, ou ermo, onde vivem os calhambolas, ou escravos fugidos. Ord. Collecção ao L. 4 T. 47n. I.” Essa definição remete o usuário, indubitavelmente, a uma acepção de lugar, moradia, portanto, toponímica. O Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado (1977, p. 20), registra o lexema quilombo como topônimo usado no Brasil e Angola: “top.No Brasil: Santa Catarina; ver Bias Fortes. Em Angola há (ou havia...) Quilombo dos Dembos (Cuanza), Quilombo-Quiá-Puto (id). Do s. m. quilombo, com origem no quimbundo”.

Outra ocorrência que envolve o lexema em questão é a conceituação de mocambo, que fora ampliada em relação à publicação anterior: “Mocambo: s. m. Quilombo, ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil. Manuscrito da Razão do Estado do Brasil, por D. Diogo de Menezes, em 1612. § Qualquer choça, ou palhoçzinha no Brasil, para habitação, ou se recolherem os que vigião lavouras.” (Sic)

(Moraes, 1813, p. 307). Além da acepção de moradia para os escravos fugitivos, nas entrelinhas da definição, parece haver o intuito de a palavra “habitação” significar esconderijo de escravos sob a chancela do Estado e da igreja, através da conceituação dada por membro eclesiástico.

O lexicógrafo Luiz Maria da Silva Pinto, originário da Província de Goyaz, autor do Dicionário da Língua Brasileira, publicado em 1832, trouxe a seguinte definição para quilombo: “s. m. No Brasil, he a pousada, ou aposento onde se recolhem em sociedade no mato os pretos fugitivos, a que chamão calhambolas.” (Sic). Já se considerando o lexema de quilombo nos dicionários do século XVIII, esse é bem reduzido, uma vez que, em todas as alterações e publicações do Dicionário da Língua Portuguesa, de Bluteau (1728) e de Moraes (1789), feitas neste século, o lexema em questão aparece apenas como complemento das definições de outros.

Quilombo somente passou a ser um verbete na atualização da obra feita por Moraes e publicada no ano de 1813, onde o lexema aparece duas vezes, uma na definição de Mocambo e outra como verbete principal, como já descrito anteriormente.

Pinto (1832, p. 186) define calhambola como: “adj. Pen. 1. No Brasil se diz do preto escravo fugido que anda pelo mato em quilombos ou quadrilhas” atribuindo a acepção sinonímica de quadrilha para também definir quilombo, sem que ocorra ainda o aportuguesamento do lexema como se tem hoje.

Já Mendonça (1972, p. 164) descreve quilombo como sendo “Povoação fortificada dos negros fugidos ao cativeiro.” Essa definição destoa da grande maioria das publicações existentes sobre o tema, sendo uma conceituação que contraria a hegemonia europeia presente na maioria das definições de lexemas de origem africanas de obras lexicográficas do Brasil, onde a referência a escravo fugido não tem carga semântica negativa, uma vez que o verbo da oração expressa fuga como sendo um passo para a liberdade da vida de escravizado.

Era comum que outros lexicógrafos, após analisarem as publicações de dicionários, publicassem complementos acerca de lexemas de uso corrente, mas que não foram dicionarizados. Assim, em 1853, Braz da Costa Rubim, do Rio de Janeiro, responsável pelo Vocabulário Brasileiro – para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa, traz a lexia “quilombola, negro fugido no mato”.

A defesa feita por Rubim (1853) quanto ao uso da unidade léxica quilombola nos discursos correntes da época encontra sustentação quando se recorre aos registros da expedição etnográfica pelo Brasil, entre 1821 e 1828, do acadêmico russo Langsdorff (1821), organizada por GuenrikhGuenrikhovitchManizer.<sup>3</sup> Verifica-se a ocorrência da lexia quilombola ao que o etnógrafo descreveu: “trata-se de negros escravos que se escondiam na mata e construíam suas colônias independentes, chamadas quilombos” (Fl. I, p. 375).

A unidade lexical calhambola, forma adjetivada do lexema em estudo, seria fruto de distorções linguísticas provenientes das interações linguísticas dos diversos grupos étnicos que compunham os falantes da língua. Segundo Senna (1926 *apud* SOUZA, 1939, p. 335), “como os escravos pretos fugiam para o quilombo, veio a se formar o hibridismo áfrico-tupi quilombola, fusão do termo africano quilombo e do sufixo tupi – porá ou borá (alterado em bola), que significa morador.” Eis as razões de se encontrar os lexemas caiambola, caiambora, calhambola ou carambola, mas permanecera o hibridismo quilombola, em uso até os dias atuais.

A oitava edição do Dicionário Moraes (1889, p. 217), diz, nas descrições dos verbetes “Aquilombádo, adj. (t. do Brasil) Que vivia em quilombo; que estava refugiado em quilombo”; “Aquilombar, V. trans. (t. do Brasil) Reunir em quilombo escravos fugidos”; e a forma verbal “Aquilombar-se, V. ref. (t. do Brasil) Refugiar-se, occultar-se o escravo em quilombo.” Em função da abolição da escravatura, ressalta “Não havendo já escravos no Brasil esta palavra e as duas anteriores só podem hoje ter uma aplicação retrospectiva, romantica ou histórica.” (Sic), como se ali estivesse o marco final da necessidade de fuga, característica comum a todas as definições dicionarizadas para a lexia quilombo.

No Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Cunha (2012, p. 541), preservando acepções de outros autores, descreve a lexia quilombo como sendo: SM, “valhacouto de escravos fugidos’ XVI. Do quimb. Ki’lomo ‘povoação’ quilombolaSM. ‘designação comum aos escravos refugiados em quilombos’ 1855. Parece tratar-se de cruzamento de quilombo com CANHEMBORA.” Aqui, o diferencial está na definição povoação, uma lexia mais próxima da realidade atual.

<sup>122</sup> Guenrikh Guenrikhovitch Manizer trata da expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil, 1821-1828, obra com tradução de Osvaldo Peralva, lançada pela Editora Nacional em 1948. (Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/117/A-expedicao-do-academico-G-I-Langsdorff-ao-Brasil-1821-1828>>).

Nos estudos acerca da história das interações entre africanismos, as línguas indígenas e a língua portuguesa, Castro (2001) sustenta sua crítica à etimologia de alguns vocábulos advindos das raízes africanas em função da diversidade de países africanos que tiveram pessoas escravizadas e trazidas para o Brasil, devido à insipiência de fontes de pesquisas que comprovem tais informações. Contudo, a *lexia quilombo* usada até os dias atuais, conta com as mesmas definições que remontam àquelas acepções do século XVIII, carregadas de semântica, retratando subversão e fuga por parte dos escravizados, típico do momento vivido naquela época, e que fora incorporado ao léxico brasileiro como regra de sua cultura.

No Dicionário Houaiss (2001), ocorrem três entradas para a *lexia quilombo*, trazendo as acepções de casa, refúgio no mato de escravos fugidos, da cidade situada no estado de Santa Catarina e de uma serra no Estado de Minas Gerais, ambas com o topônimo *Quilombo*. Sobre a *lexia quilombola*: “S. m. e f. Bras. Escravo ou escrava, outrora refugiado em quilombos.” Aqui Houaiss difere-se dos demais lexicógrafos pelo emprego do advérbio *outrora*, levando o consulente a entender que a definição não se aplica aos dias atuais como queria a ressalva no dicionário de Moraes, publicada em 1889, logo após o período escravagista, quando tais *lexias* deveriam ser empregadas apenas como referência a um período que havia terminado, o da escravidão no Brasil.

O Dicionário Aurélio, um dos principais dicionários do Brasil, cuja 1ª edição se deu em 1975, a 2ª em 1986, a 3ª em 1999, a 4ª em 2009 e a 5ª e última edição em 2010, vem apenas rebuscando o texto de suas definições em alguns pontos das *lexias quilombo* e *quilombola*, porém, vem mantendo a semântica retratada ainda no século XVIII, quando a realidade vivida era completamente diferente. Segundo o Dicionário Aurélio (2010), *quilombo* significa:

Do quimbundo, quicongo e *umbundolumbu*, ‘muro’, ‘paliçada’, donde *kilumbu*, ‘recinto murado’, ‘campo de guerra’, ‘povoação’, ou do *umbundokilombo*, ‘associação guerreira’.] **S. m. 1. Bras.** Angol. Esconderijo, aldeia, cidade ou conjunto de povoações em que abrigavam escravos fugidos: “A palavra ‘quilombo’ teria o destino de ser usada em várias acepções, a mais famosa delas a de habitação de escravos fugidos, em Angola, e a desses refúgios e dos estados que deles surgiram no Brasil.” (Alberto da Costa e Silva, *A Enxada e a Lança*, p. 507.) [Cf. *mocambo* (1).] **2. Bras.** Estado de tipo africano formado, nos sertões brasileiros por escravos fugidos. **3. Bras. Folcl.** Folguedo, usado no interior de AL durante o Natal, em que dois grupos numerosos, figurando negros fugidos e índios, vestidos a caráter e armados de compridas espadas e terçados, lutam pela posse da rainha índia, acabando a função pela derrota

dos negros vendidos aos espectadores como escravos; toré, torém. Quilombo dos Palmares. Quilombo (1) construído de negros fugidos, os quais, no séc. XVII, se estabeleceram no interior de AL, formando um estado. [Tb. Se diz apenas *Palmares*. (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2010, p. 1758)

Para Quilombola, o Dicionário Aurélio (2010, p. 1758) traz a seguinte definição: “S. m. Bras. Designação comum aos escravos refugidos e, quilombos; calhambola, calhambora, nanhambora, canhambora. [CF. mocamaú.]” Ao se debruçar sobre as lexias quilombo, quilombola, mocambo, mocamaú, a principal obra lexicográfica do país reproduz e preserva as acepções antigas, que refletiam a prevalência da conceituação exógena dos lexemas carregadas de semantismo negativo quanto à visão sobre o escravo como malfeitor e subversivo, e que, a julgar pela quantidade de pessoas, línguas e culturas introduzidas forçadamente na cultura brasileira, seria impossível que, em nada, acrescentassem ao léxico do Brasil.

Fazendo uma regressão ao longo do tempo sobre o registro dos lexemas quilombo e quilombola, a partir das obras lexicográficas utilizadas no recorte deste estudo, desde Bluteau (1728), passando por Moraes (1789), Pinto (1832), e também defendido por teóricos como Sapir (1949), Biderman (2001), Isquierdo (1996) e Nunes (2006), o que encontramos nos dicionários é uma coletânea das lexias produzidas nas interações das pessoas em seu cotidiano. Isso inclui dizer que a língua é viva e retrata o momento sociocultural vivido pelo grupo social, sendo o seu dinamismo influenciado pelo tempo, pela cultura e pelas relações com outras culturas, o que pode influenciar novas entradas nos dicionários de língua portuguesa, como ocorreu com os vocábulos originários das línguas africanas inseridos no léxico brasileiro.

De acordo com esses autores, a produção lexicográfica de uma língua não é estática, pois registra muito mais do que os vocábulos originários do uso letrado da sociedade, e tampouco se limita a registrar os lexemas do momento presente, mas recolhe os falares e relações dos diferentes grupos sociais que integram todos os falantes da língua e vão sendo transformados ao longo do tempo. Conforme Nunes (2006), o léxico advém de toda e qualquer relação humana e está presente na nomeação da realidade, além de ser o tesouro da língua, como defende Biderman (2006), que afirma que o léxico está presente nas relações interpessoais, culturais e sociais.

## 5. Considerações Finais

O registro das lexias quilombo e quilombola nas obras lexicográficas atuais, remetem os consulentes a uma realidade ligada ao período escravagista, como se este não tivesse terminado, ou como se os lexemas em questão não precisassem acompanhar as mudanças da cultura vigente. O término da escravidão oficial no Brasil não deveria apagar os vocábulos que criou e que foram inseridos no léxico do país, como se eles fossem algo cristalizado. Contudo, há que se destacar a diacronia da língua que exige a ressemantização de algumas terminologias para as adequarem ao contexto atual, evitando que o seu emprego, na forma não ressemantizada, crie problemas semânticos.

O léxico brasileiro é carregado de interações entre diversas línguas, a saber, as línguas já existentes aqui quando da chegada dos colonizadores, a língua portuguesa trazida por eles, além das diversas línguas dos diferentes povos africanos extirpados de seus países, para servirem como escravos nas lavouras, na mineração e em serviços domésticos do Brasil no período colonial.

A título de exemplificação, os africanos e/ou os seus descendentes sempre foram quase a metade da população brasileira no período colonial. Em 1798, o Brasil tinha 3.250.000 habitantes, sendo que 1.361.000 eram escravos trazidos da costa da África. Em 1818, o número de habitantes era de 3.817.000, e dessas, 1.729 eram escravos africanos, segundo Souza (1939).

A formação do léxico é fruto das vivências do seu povo e é natural que tenham ocorrido muitos hibridismos nessa estruturação, pensando na formação do léxico brasileiro, onde quase metade de sua população trazia uma carga linguística e cultural africana. A presença de marcas dessa mistura no português do Brasil deveria ser ainda maior, o que não se deu devido à população negra ser colocada à parte da sociedade, sem qualquer espaço de manifestação, como se não fosse parte da sociedade (HOUAISS, 1985).

Com o objetivo de conhecer o percurso da lexia do quilombo face às evoluções culturais e sociais que influenciaram o léxico brasileiro, investigar a entrada na produção lexicográfica brasileira desde o século XVIII tornou-se necessário adentrar na parte europeia da língua portuguesa que, durante alguns anos, influenciou sobremaneira a linguística brasileira. As lexias quilombo e quilombola são as representações das vivências de uma época no Brasil, onde pessoas escravizadas foram coisi-

ficadas e obrigadas a construir a história do país, sem que isso significasse ter direito a figurar como parte da sociedade. Portanto, o recorte que se faz neste ponto do estudo visa analisar a dicionarização dessas lexias.

Observa-se que, a partir de Bluteau (1712-1728), Moraes (1789), Pinto (1939), Senna (1938), Souza (1939), Ramos (1953), Carneiro (1947), Aurélio (1975, 1986, 1999, 2004, 2010) e Houaiss (2001), uma verdadeira excursão pelos principais registros da produção lexicográfica da língua portuguesa, embora por um tempo, apesar do uso corrente dos discursos de falantes do português no Brasil. Os negros, em função de sua posição social no país, do período colonial até à república, foram invisibilizados ou simplesmente tiveram negado o acesso à vida social e, assim, vocábulos que retratavam esse grupo social (os africanos e seus descendentes), naqueles períodos, não figuraram como verbetes nos dicionários da época, até Moraes (1813) colocar os lexemas em destaque no dicionário da língua portuguesa.

Apesar da evolução da cultura da sociedade, que fornece base para a formação da língua, a partir dos discursos dos usuários, desde a sua entrada no léxico, as definições dos lexemas quilombo e quilombola sofreram poucas variações e se perpetuaram ao longo dos tempos, com semântica quase que estritamente voltada para a ideia de fuga, de subversão e de inferiorização da população negra.

O resultado desta investigação evidencia o fato de que a produção lexicográfica existe em uma espécie de simbiose com a questão sociocultural do momento vivido para ser contextualizada e entendida. As questões culturais e sociais interferem diretamente na formação e na utilização do léxico pelos seus usuários.

As várias acepções das lexias quilombo e quilombola, à exceção das definições contidas no Dicionário Houaiss, que são ressalvadas pela marcação temporal com verbo no tempo passado e o advérbio temporal “outrora”, que remetem e limitam as conceituações a um momento do passado, fornecem ao consulente informações enraizadas em um passado discriminatório e excludente da história do léxico brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. *A Revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Identidade Científica, Objeto, Métodos, Campo de atuação. In: *II Simpósio Latino Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Brasília – Brasil. 1990. p. 152-158.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Vol. II. Campo Grande-MS: UFMS, 2004. p. 185-200

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. A estrutura mental do léxico. In: Estudos de filologia e linguística. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz / Edusp, 1981. p. 131-145.

\_\_\_\_\_. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLEEK, W. H. I. *A Comparative Grammar of South African Languages*. Cape Town: Juta/London: Trübner, 1862-1869.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CARNEIRO, Édison. *O quilombo dos palmares, 1630-1695*. São Paulo: Brasiliense, 1947. 246 p.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1977.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, A.S. Literatura, poesia e as diversas linguagens da Geografia. In: *X ENPEG/Porto Alegre*. 18p. 2009. Trabalho Completo. Disponível

em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(64\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(64).pdf)>  
Acesso em: 03 mar. 2017.

FERRAZ, Aderlane P. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas com o português. In: *Filol. Linguíst. Port.*, n. 9, p. 43-73, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59772/62881>>. Acesso em: 04ago. 2017.

FERRAZ, Anna Cândida da Cunha. A Transição Constitucional e o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição de 05.10.1988. In: *Caderno de Direito Constitucional e Ciência Política Revista dos Tribunais*, São Paulo, v.7, p. 54-68, jan./mar. 1999.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

\_\_\_\_\_. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GADOTTI, Moacir. Pressupostos do projeto pedagógico. In: *MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos*. Brasília, 28/8 a 2/9/94.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. *Linguística e Ensino do Português*. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1973. p. 277-367.

GOMES, Mércio Pereira. *Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O português do Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985, p. 71.

\_\_\_\_\_; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ISQUERDO, A. N. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Tese de Doutorado. Araraquara-SP: UNESP, 1996.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Livros Horizonte. 3. ed. Lisboa. 1977.

MARTINET, André. *Conceitos fundamentais da Linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

MANIZER, G. G. *A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)*. Trad. de Osvaldo Peralva. São Paulo: Nacional, 1948.

MAZIÈRE, F. O enunciado definidor: discurso e sintaxe. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989. p.47-59.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

MUNANGA, K. Origem e Histórico do Quilombo Na África. *Revista USP*, v. 28, p. 56-64, 1995.

\_\_\_\_\_. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade, etnia. Niterói: EDUFF, 2000.

MUNANGA, K. GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Editora Global, 2016.

NUNES, José Horta. *Dicionários do Brasil: análise e história*. Campinas-SP: Pontes; São Paulo, SP: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Fapesp, 2006.

ORLANDI, Eni P. (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas-SP: Pontes; Cárceres, MT: UNEMAT, 2001.

PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Pontes, 1990.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

PINTO, L. M. da S. *Dicionário da Língua Brasileira (1832)*. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura; Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central: Centro de Cultura Goiana, 1996. Edição Facsimilada publicada em 1832.

ROLDÃO, M. do Céu. As histórias em educação: A função mediática da narrativa. In: *Ensinus*, v. 3, p. 25-8, 1995.

RAMOS, A. *O Negro na Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1953.

RUBIM, Braz da Costa. *Vocabulario brasileiro* (para servir de complemento aos dictionarios da lingua portuguesa). Rio de Janeiro: Empresa Typographica Dous de Dezembro, de Paula Brito, 1853.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *Contraste da Intimidade Contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. IV.

STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. Companhia das Letras, 2015.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por António de Moraes Silva. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Vol. 2.

\_\_\_\_\_. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1889.

\_\_\_\_\_. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Na typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. 4. ed. Onomástica Geral da Geografia Brasileira. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Nacional, 1939.

VERDELHO, T. O dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. In: *História da língua e história da gramática: actas do encontro*. Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2003. p. 473-90. Disponível em: <[http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Diccionario\\_Morais\\_Silva.pdf](http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Diccionario_Morais_Silva.pdf)>. Acesso em: 15/08/2017.

XATARA C.; Bevilacqua, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (Orgs.). *Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos*, São Paulo: Parábola, 2011, 190 p.